

UMA IMAGEM INGÊNUA DO MUNDO E UMA ABORDAGEM BIOSEMÂNTICA PARA
DESCREVER A ESTRUTURA LEXICAL DE UMA PALAVRA

UNA IMAGEN INGENUA DEL MUNDO Y UN ENFOQUE BIOSEMÁNTICO PARA
DESCRIBIR LA ESTRUCTURA LÉXICA DE UNA PALABRA

A NAIVE PICTURE OF THE WORLD AND A BIOSEMANTIC APPROACH TO DESCRIBING
THE LEXICAL STRUCTURE OF A WORD



Svetlana A. PESINA¹
e-mail: spesina@bk.ru



Irina R. PULEKHA²
e-mail: irinapulekha@mail.ru



Svetlana A. VINOGRADOVA³
e-mail: sveltvin@mail.ru



Nella A. TROFIMOVA⁴
e-mail: nelart@mail.ru



Svetlana V. SHUSTOVA⁵
e-mail: lanaschust@mail.ru



Yuliana L. VTORUSHINA⁶
e-mail: julievtorushina@mail.ru



Svetlana S. VELIKANOVA⁷
e-mail: vss200975@mail.ru

Como referenciar este artigo:

PESINA, S. A.; PULEKHA, I. R.; VINOGRADOVA, S. A.; TROFIMOVA, N. A.; SHUSTOVA, S. V.; VTORUSHINA, Y. L.; VELIKANOVA, S. S. Uma imagem ingênua do mundo e uma abordagem biosemântica para descrever a estrutura lexical de uma palavra. *Rev. EntreLinguas*, Araraquara, v. 9, n. 00, e023009, 2023. e-ISSN: 2447-3529. DOI:



| Submetido em: 16/11/2022

| Revisões requeridas em: 25/12/2022

| Aprovado em: 27/01/2023

| Publicado em: 21/04/2023

Editores: Profa. Dra. Rosangela Sanches da Silveira Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Técnica Estadual de Nosov Magnitogorsk, Magnitogorsk – Rússia. Doutora em Filologia, Doutora em Filosofia (Professora do Departamento de Linguística e Tradução).

² Universidade Técnica Estadual de Nosov Magnitogorsk, Magnitogorsk – Rússia. Candidata em Filologia (Professora Associada do Departamento de Linguística e Tradução).

³ Universidade Estadual do Ártico de Murmansk, Murmansk – Rússia. Doutora em Filologia (Professora, Chefe do Departamento de Línguas Estrangeiras, Instituto de Ciências Sociais e Humanas).

⁴ Universidade Estadual de São Petersburgo, St. Petersburg – Rússia. Doutora em Filologia (Professora do Departamento de Alemão).

⁵ Universidade Estadual de Perm, Perm – Rússia. Doutora em Filologia (Professora do Departamento de Linguística e Tradução).

⁶ Universidade Técnica Estadual de Nosov Magnitogorsk, Magnitogorsk – Rússia. Candidata em Ciências Pedagógicas (Professora Associada no Departamento de Linguística e Tradução).

⁷ Universidade Técnica Estadual de Nosov Magnitogorsk, Magnitogorsk – Rússia. Doutora (Chefe do Departamento de Formação Pedagógica e Gestão de Registos).

RESUMO: Os problemas de estudar a estrutura lexical de uma palavra têm saída para várias áreas da ciência cognitiva, incluindo a biossemiótica. No artigo, a abordagem biossemiótica é reformulada em uma abordagem biosemântica baseada na decodificação de estruturas lexicais específicas. Os invariantes lexicais de palavras polissêmicas são mostrados como núcleos significativos de seus significados figurativos. É um conjunto de componentes semânticos dominantes que estão associados de forma estável com o significado de cada lexema. No processo de semiose, o indivíduo é guiado por esses componentes invariantes. Esses componentes são formados ao longo do tempo no nicho cognitivo do indivíduo como resultado das observações da relação entre os signos da linguagem. A parte prática do artigo inclui uma análise empírica de componentes invariantes do substantivo polissêmico inglês “a hood” do ponto de vista da semântica invariante. Diante dos resultados, a biossemiótica tem vantagem sobre a semântica tradicional na descrição da semântica das unidades lexicais.

PALAVRAS-CHAVE: Biossemiótica. Significado. Polissemia. Linguística cognitiva. Invariante lexical.

RESUMEN: Los problemas de estudiar la estructura léxica de una palabra tienen salida en varias áreas de la ciencia cognitiva, incluida la biosemiótica. En el artículo, el enfoque biosemiótico se reformula en un enfoque biosemántico basado en la decodificación de estructuras léxicas específicas. Se muestra que las invariantes léxicas de las palabras polisémicas son núcleos significativos de sus significados figurativos. Es un conjunto de componentes semánticos dominantes que se asocian de manera estable con cada significado de lexema. En el proceso de semiosis, el individuo se guía por estos componentes invariantes. Estos componentes se forman con el tiempo en el nicho cognitivo del individuo como resultado de las observaciones de la relación entre los signos del lenguaje. La parte práctica del artículo incluye un análisis empírico de componentes invariantes del sustantivo polisémico inglés “a hood” desde el punto de vista de la semántica invariante. Dados los resultados, la biosemiótica tiene una ventaja sobre la semántica tradicional al describir la semántica de las unidades léxicas.

PALABRAS CLAVE: Biosemiótica. Significado. Polissemia. Lingüística cognitive. Invariante léxica.

ABSTRACT: The problems of studying the lexical structure of a word have a way out into various areas of cognitive science, including biosemiotics. In the article, the biosemiotic approach is reframed into a biosemantic approach based on decoding specific lexical structures. The lexical invariants of polysemous words are shown to be meaningful cores of their figurative meanings. It is a set of dominant semantic components that are stably associated with each lexeme’s meaning. In the process of semiosis, the individual is guided by these invariant components. These components are formed over time in the individual’s cognitive niche as a result of observations of the relationship between language signs. The practical part of the article includes an empirical invariant-component analysis of the English polysemous substantive “a hood” from the standpoint of invariant semantics. Given the results, biosemiotics has an advantage over traditional semantics in describing the semantics of lexical units.

KEYWORDS: Biosemiotics. Meaning. Polysemy. Cognitive linguistics. Lexical invariant.

Introdução

No processo da ontogênese humana, dentro da estrutura de um plano de linguagem estrutural subjetivamente emergente, uma pessoa escolhe para sua existência mais confortável aquelas partes do mundo circundante que correspondem à sua organização cognitiva interna. Ao mesmo tempo, o mundo cognitivo de uma pessoa, formado dentro da estrutura de uma imagem do mundo condicionada cultural e nacionalmente, pode diferir significativamente do mundo cognitivo de outra pessoa (MATTHIESSEN *et al.*, 2022).

Do ponto de vista da biossemiótica, como abordagem do estudo dos sistemas vivos, a atividade da fala nada mais é do que a produção, armazenamento e troca de signos, incluindo, é claro, sua interpretação. Pesquisadores de sistemas de signos acreditam que o fenômeno do “significado” não é uma propriedade exclusiva da linguagem humana ou da psique humana, ele está presente em toda parte na natureza orgânica (ALVES; JAKOBSEN, 2021; ZHAI *et al.*, 2019; MENANT, 2019).

A consciência da linguagem de uma pessoa, biologicamente concentrada no cérebro como a atividade nervosa superior do corpo, desempenha a função de codificar e decodificar sinais nos níveis mental, linguístico e sensorial. As pessoas, assim como os animais, são vistas como sistemas vivos, cuja estrutura é determinada pelas áreas de suas interações internas e externas (domínio das interações). Eles estão em constante interação com seus nichos para se adaptarem ao ambiente (ENDARA *et al.*, 2017; PESINA *et al.*, 2019). São Observadores que observam as atualizações dos nichos de outros sistemas vivos. Uma das ferramentas de adaptação ao ambiente é a linguagem natural, graças à qual o Observador interage com outro sistema vivo como elemento de seu próprio nicho. Assim, a capacidade de falar é determinada pela estrutura do corpo humano (MENANT, 2019; PESINA; LATUSHKINA, 2015).

Em geral, os defensores da biossemiótica minimizam um pouco o fenômeno da capacidade de atividade da linguagem humana, equiparando-a a outras manifestações biológicas de uma pessoa. Eles interpretam a linguagem como uma das necessidades biológicas de uma pessoa ou outro sistema vivo que funciona em seu próprio nicho e visa a sobrevivência.

Essa interpretação cognitivo-semiótica do mundo interior e exterior de uma pessoa traz à tona a função adaptativa da linguagem. É expresso na relação entre a consciência cognitiva de uma pessoa e seu ambiente externo. A função adaptativa é baseada na conformidade do plano estrutural de sua consciência àquela parte do mundo externo que ele destaca em um determinado momento no tempo.

A descrição do uso da linguagem do ponto de vista biológico é interpretada de maneira bastante lógica: essa necessidade é expressa na comunicação conjunta, na qual ocorre a influência mútua orientadora. Os participantes da interação ficam isolados na área consensual de suas interações interpessoais (no caso da comunicação entre pessoas), na qual experimentam a influência mútua de estímulos lógicos mentais e emocionais semelhantes (TAKAHASHI, 2019; MENANT, 2019). Curiosamente, nem sempre ocorre um “fechamento” completo da área do outro. Cada um dos participantes da comunicação está exclusivamente incluído na estrutura de sua área cognitiva, e pode-se falar de influências mútuas apenas condicionalmente. Esse é outro postulado biocognitivo que entra em conflito com a afirmação sobre “fechamento” na interação interpessoal (PESINA; LATUSHKINA, 2015).

Os pesquisadores afirmam que, sob a influência da comunicação, forma-se um espaço comunicativo comum a dois ou vários participantes da interação linguística. Mas esses estados são característicos das áreas cognitivas individuais dos comunicantes, e somente por isso um “campo de compreensão mútua” parece ocorrer. A própria expressão “o campo de compreensão mútua ou influência mútua” é metafórica.

Se o contexto do discurso produzido pelo locutor ou escritor é percebido por outro Participante de tal forma que pode haver um conteúdo diferente por trás da forma percebida. Caso duas estruturas profundas não coincidam, surge um mal-entendido. O destino experimenta um valor diferente do pretendido porque o destino gera um valor diferente. Isso acontece com bastante frequência e serve como tema de pesquisa científica para campos inteiros do conhecimento psicolinguístico. Com muito mais frequência, os comunicantes formam um campo de compreensão mútua parcial. Em biossemiótica, tal interação é terminologicamente referida como “influência orientadora”.

Os proponentes da biossemiótica não fazem a distinção entre linguagem e fala, entre estruturas profundas e superficiais, postulada pela gramática generativa. Essa circunstância fala a favor de uma correspondência espelhada das unidades de linguagem e fala em forma e conteúdo, o que não é aceito na linguística fundamental. Por outro lado, do ponto de vista da bioquímica cerebral, que, de fato, se correlaciona aqui com os processos comportamentais, não pode haver tal divisão. O funcionamento do cérebro humano não pressupõe uma divisão em material de fala e mecanismos para seu uso, ou seja, o que entendemos por fala e linguagem.

Na biossemiótica, a ênfase está no fato de que, no processo de comunicação, os participantes estão realmente engajados na decodificação de informações e na produção de signos. Eles correlacionam as formas dos signos com os conteúdos disponíveis em seus

tesauros, correlacionam os signos recebidos com as condições do contexto de fala. Há também correlação extralinguística, incluindo expressões faciais, gestos, movimentos corporais e nuances de entonação, que é ativamente estudada na teoria dos atos de fala, especialmente os indiretos.

Os participantes da comunicação formam constantemente em suas mentes signos linguísticos e os corrigem, correlacionando-os com o modo e as condições da comunicação. Os indivíduos correlacionam constantemente as formas de signos com o conteúdo adequado ou o que em linguística se chama de significados. Ao nível da bioquímica cerebral, estes processos correspondem à neuroplasticidade do cérebro.

Na biossemiótica, a noção de significado lexical é entendida de forma ampla, como a formação de uma relação entre um sistema receptivo e um objeto específico. Essa correlação semiótica decorre da essência do signo, que “está de alguma forma conectado com esse mesmo objeto” (CARRERA-CASADO *et al.*, 2021; PESINA; LATUSHKINA, 2015). Ou seja, um elemento de um nicho ou de uma forma linguística torna-se signo de outra entidade, como se adquirisse um significado que surge como resultado de correlações cognitivas. Aqui devemos recordar outro postulado da biossemiótica: todas as interações associativas podem ocorrer exclusivamente na área cognitiva do Participante da Comunicação.

Na biossemiótica, a compreensão de um significado como um conjunto de circunstâncias ou um evento nos leva do domínio biológico ou bioquímico ao behaviorismo. O próprio signo é interpretado não como um objeto ou conceito físico, mas como uma relação, por meio da qual o Participante, por assim dizer, sistematiza a realidade que o cerca. A interpretação de um signo como evento ou fenômeno distribuído entre os elementos de uma situação, novamente, vai contra o postulado de uma ação exclusivamente em seu domínio cognitivo, sempre defendido pelos cognitivistas.

É difícil argumentar com o fato de que o significado de um signo linguístico é gerado na mente do Participante da comunicação no espaço e no tempo real como resultado da percepção e interpretação da forma do signo como um elemento significativo de um nicho ou fator ambiental. O participante da comunicação age de acordo com a situação atual do signo. Todos os elementos de uma situação sgnica são percebidos em tempo e espaço reais e servem como agentes sinalizadores ou indícios da refração contextual dos significados contextuais. Assim, o significado do signo é determinado contextualmente por um evento online subjetivamente percebido.

Ao relatar algo, apenas “excitamos” sinais semelhantes em um comunicante. No processo de comunicação, o orador muitas vezes espera em vão que suas palavras sejam percebidas por todos os ouvintes da mesma forma. No entanto, na vida real, cada destinatário de uma determinada mensagem tenta encaixá-la no contexto de sua própria realidade subjetiva.

A essência do comportamento de orientação de um participante da comunicação é estabelecer sinais ou trilhas neurais semelhantes na área cognitiva do destinatário. Como resultado do uso estereotipado das mesmas formas de linguagem em situações de sinais semelhantes, o Participante da Comunicação começa a associar cada vez mais uma forma de linguagem específica com circuitos neurais semelhantes produzidos pelo sistema nervoso. Então o significado pode ser interpretado como um estado natural habitual experimentado pelo Participante da comunicação mediante a apresentação de uma forma específica de um signo linguístico. Este último está associado na área cognitiva com base na experiência comunicativo-perceptiva anterior de usar esta forma de sinal como uma ferramenta para orientar a interação cognitiva.

Ao mesmo tempo, o sistema linguístico dos comunicantes está aberto à mudança, pois se baseia na conjectura e na experimentação constante, ou seja, no comportamento heurístico dos comunicantes. Em sua ontogênese, tanto o sistema de significados heurístico quanto o orientado para a personalidade são formados por um longo tempo por uma certa idade e estão sujeitos a mudanças. Não é estático e melhora ao longo da experiência da atividade comunicativa humana. Isso é o que em linguística cognitiva se entende por formação de conceitos e esfera conceitual.

Uma questão natural surge sobre o lugar da polissemia como consequência das constantes mudanças no sistema de conhecimento e, especificamente, nas estruturas das palavras polissêmicas. Estes últimos são um exemplo clássico de uma forma única de um signo com um conteúdo variável.

Hipótese

Este estudo propõe a refração da abordagem biossemiótica em uma abordagem biossemântica baseada nos processos de decodificação de estruturas lexicais específicas. No quadro do ângulo de visão sobre comunicação e linguagem proposto no artigo, nomeadamente a biossemiótica, a polissemia pode ser descrita de forma diferente do que é proposto na literatura linguística tradicional.

O significado na biosemântica pode ser visto como uma cadeia associativa recuperada da memória de um indivíduo como ideias formadas sobre os usos anteriores de um signo particular. Como resultado da atualização constante dos signos, os falantes formam vínculos associativos estáveis e ordenados, que se formam devido à interação prévia dos organismos dos Participantes da Comunicação com um ambiente específico, mas apenas em suas áreas ou domínios cognitivos.

Ao longo do tempo, falantes que pertencem à mesma imagem linguística e cognitiva do mundo formam estereótipos semelhantes do uso de certos signos linguísticos. Em outras palavras, como resultado de uma interpretação quase idêntica dos signos, os representantes da mesma comunidade linguística formam o mesmo comportamento orientador, que serve para a compreensão mútua entre os Participantes da comunicação por meio de uma referência a essa experiência cognitiva.

A linguagem, como ferramenta de orientação da interação, é, portanto, um conjunto de trilhas associativas que correspondem no nível bioquímico a uma neuroplasticidade particular.

No processo da atividade comunicativa e cognitiva, o Participante da comunicação interage constantemente com várias zonas da realidade circundante, transformando-as em elementos do seu nicho, reconstruindo ou recriando interpretações semânticas de significados. Estamos falando de sua decodificação e atribuição de certos componentes semânticos a eles.

A essência do processo de atualização do significado no âmbito da biosemântica pressupõe que o Participante da comunicação identifique os componentes semânticos mais significativos, em sua opinião, do elemento de nicho que está sendo descrito. São essas características que ele associa à forma do signo dentro de uma situação de signo específica. Como resultado da compreensão do Participante dos resultados da interação linguística com outro comunicante, o significado torna-se um elemento do sistema linguístico.

A interação do Participante da comunicação com os elementos da área da realidade circundante alocada por ele, do ponto de vista da biosemântica, significa o uso de significados específicos de palavras dentro do continuum semiótico em um espaço e tempo específicos. O participante da comunicação compara esses elementos semânticos, usando a forma de um signo linguístico como um elemento de nicho bem conhecido por ele para designar novas áreas semânticas.

Ao mesmo tempo, o Participante da comunicação fixa um novo estado de sua área cognitiva ou sistema nervoso, causado pela influência de uma forma que ele conhece. É assim que se realiza a formação de um novo significado metafórico, incluindo o mais comum. É assim

que o sistema linguístico, formado a partir do uso uniforme de signos linguísticos, torna-se a base para a formação de novos significados.

No caso da nomeação primária ou do uso de uma unidade linguística ocasional, o Participante da Comunicação faz um esforço cognitivo maior na busca de conteúdo para a forma do signo por ele percebido. Esse novo trabalho cognitivo também ocorre quando a forma do signo é familiar ao indivíduo, mas está em um ambiente contextual estranho. Se o significado no novo contexto semântico é aceito pela comunidade linguística, então ele é fixado na língua como um neologismo.

No processo de atualização recorrente da forma da palavra, bem conhecida do Participante da comunicação, ele facilmente encontra seu significado denotativo em seu tesouro ou léxico, sem recorrer a esforços cognitivos adicionais, que chamamos de heurística. O estado que surge em um indivíduo no processo de atividade semiótica é habitual, e a comunicação ocorre sem colapsos e falhas cognitivas.

Nesse sentido, os estudos de polissemia enfrentam os problemas mais difíceis: por um lado, essas são as razões da diferença nos significados individuais de uma palavra polissêmica e, por outro lado, com a probabilidade de um núcleo semântico comum que reuniria todos os significados de uma palavra. A última ideia é relevante, pois deve haver alguma força semântica que mantenha todos os significados dentro de uma mesma estrutura de palavras, caso contrário, uma quebra homônima é possível.

Nossa hipótese é baseada no postulado de que no processo de pressão do tempo comunicativo, o comunicante realmente não tem tempo para atualizar todas as informações semânticas por trás de uma determinada forma de linguagem. Na realidade, um comunicante está sempre buscando em seu nicho cognitivo ou consciência o conteúdo mais geral e aproximado que corresponda minimamente, mas suficientemente à forma visual ou auditiva percebida da palavra.

A essência da abordagem proposta é determinar os traços semânticos essenciais mínimos da palavra, o núcleo de conteúdo da palavra e estabelecer seu lugar e função no sistema linguístico e na fala. Ao determinar o núcleo significativo de uma palavra, é necessário levar em consideração sua natureza invariante, pois deve ser a base para a formação de todos os significados da palavra. É preciso levar em conta a percepção do falante nativo médio para que não se perca o objetivo de sua busca, voltada para o usuário médio.

Neste artigo, o termo “uma invariante lexical” é usado como uma propriedade essencial da língua. É entendido como um conjunto de componentes semânticos que, em uma de suas

configurações, fundamentam todos ou alguns significados de palavras polissêmicas de acordo com a intuição do falante nativo médio. Nesse sentido, uma invariante lexical é uma abstração. O conceito de invariante se opõe ao conceito de variante como uma implementação específica de uma unidade linguística. Essa oposição está correlacionada com a dicotomia entre linguagem e fala: uma invariante é uma unidade da linguagem e uma variante é sua implementação específica na fala.

Na literatura linguística não há uma opinião comum sobre o que constitui a base semântica de uma palavra polissêmica. Essas dificuldades são exacerbadas pelo fato de que a linguística moderna não dá uma resposta inequívoca à questão de como armazenar formas linguísticas de palavras polissêmicas e sua interação com mecanismos cognitivos. Portanto, o estudo do núcleo significativo de uma palavra polissêmica é uma das tarefas mais difíceis da semântica lexical, onde sua solução determina quantos e quais significados serão alocados a partir de uma determinada estrutura vocabular.

Como será mostrado a seguir com um exemplo concreto, a invariante lexical é independente do contexto e garante a integridade semântica da palavra, sendo uma forma conveniente de armazenar toda a estrutura da palavra na área cognitiva dos Participantes da Comunicação.

Métodos

A proposta de análise semiótico-semântica envolve o estudo das estruturas das palavras como sistemas de signos, revelando as características dos meios lexicais por meio dos quais a comunicação bem-sucedida ocorre. Os principais métodos de pesquisa no campo da oposição à dicotomia “língua-fala” são a observação linguística, um método descritivo e a comparação como meio linguístico universal.

A modelagem dos processos de fala e pensamento e de signos é realizada com base na introspecção como uma reprodução intuitiva de cenários da atividade de fala e pensamento do remetente e do destinatário da mensagem. A análise semântica é realizada a partir da reprodução intuitiva dos cenários da atividade de fala e pensamento dos supostos comunicantes.

Como ilustração do funcionamento do invariante lexical, é utilizada uma análise empírica de componentes invariantes de palavras inglesas polissêmicas, quando um invariante lexical é formulado com base nos componentes semânticos identificados em cada significado.

O último inclui componentes semânticos dominantes centrais que, em qualquer uma de suas configurações, fundamentam todos os significados das palavras.

Resultados e discussão

É sabido que vários linguistas tradicionais do passado e do presente não reconheciam a polissemia no nível da fala, ou seja, no processo de comunicação (PELKEY, 2016). Essa hipótese não contradiz a abordagem apresentada neste artigo. De fato, em cada uso contextual de uma forma de linguagem, um indivíduo associa a ela apenas um conteúdo. Ou seja, uma forma de signo na fala está sempre associada na consciência com apenas um significado. Com base na experiência cognitiva subjetiva de operar com signos, um indivíduo em cada contexto específico de fala utiliza o conteúdo desejado ou deriva o significado correto. Neste contexto, é oportuno citar M. Breal que afirmava que os comungantes nem sequer têm de suprimir outros significados da palavra porque não existem para nós, não ultrapassam o limiar da nossa consciência. Assim, quando um médico ou farmacêutico prescreve uma receita, o ouvinte não tem a imagem de uma receita em sua mente. (ZHAI *et al.*, 2019).

O trabalho da consciência do indivíduo na decodificação e interpretação dos signos linguísticos no processo de comunicação é baseado na experiência corporal comunicativo-perceptiva prévia, a partir da qual o Participante da Comunicação interpreta os significados. Ou seja, essa experiência existe em parte antecipadamente, em parte se forma no processo de interação sígnica. Os significados lexicais, que se baseiam na experiência anterior de uso de um signo linguístico, são formados, por assim dizer, *ad hoc*. Ao mesmo tempo, também existem as chamadas variantes intermediárias de significados devido ao fato de o falante criar uma nova descrição difusa em um novo ambiente (PELKEY, 2016). Isso significa que, teoricamente, o número de significados reais de um lexema pode ser muito maior do que o apresentado nos dicionários.

Conforme mencionado acima, o participante da comunicação destaca apenas as características mais significativas para a situação dada das entidades descritas e apenas como último recurso, se necessário, recorre a descrições mais detalhadas. Com a atualização repetida do mesmo significado de uma forma de linguagem particular, uma série associativa estável ou agrupamento dos componentes dominantes mais significativos associados a esta forma e a situação de signo como um todo é formada na memória do Participante da Comunicação. Essas associações formam um invariante lexical da estrutura polissêmica da palavra, o que permite

ao Participante da Comunicação utilizar efetivamente essa forma de linguagem, ou seja, decodificar significados com sucesso e criar novos significados a partir dela (NOVIKOV; PESINA, 2015).

A invariante lexical, como núcleo significativo da palavra, certamente deve ser associada a estruturas profundas. Carrera-Casado e Ferrer-i-Cancho, recordaram a necessidade de opor o sistema da linguagem às formas de sua implementação na fala, acreditando que antes de qualquer consideração sobre o significado contextual de qualquer forma, é necessário restaurar o sistema, do qual é parte integrante. Constitui a fonte de onde extrai seu sentido principal – o sentido que já existe nos pensamentos (embora não possamos ter consciência disso diretamente, pois não temos acesso direto a essas operações profundas). Ele precede qualquer significado contextual que surja na fala (CARRERA-CASADO; FERRER-I-CANCHO, 2021).

O significado sistêmico proposto ou invariante lexical existe como parte do mundo cognitivo do Participante da Comunicação, portanto, está oculto ao acesso direto. No entanto, pode ser deduzido dos significados reais registrados da palavra de acordo com a história de seu uso. Estabelecer um significado sistêmico envolve a busca de um conjunto mínimo de componentes semânticos estáveis e dominantes suficientes para alcançar o máximo reconhecimento de um determinado significado, enquanto a possível subjetividade dos resultados obtidos é bastante aceitável (PELKEY, 2016).

Entre todos os significados figurativos possíveis, as metáforas podem ser semanticamente o mais distante do primeiro significado não derivado. No caso de uma metáfora, como se sabe, um domínio fonte cognitivo é projetado em outro domínio alvo. Como resultado, o segundo domínio é tratado em conexão com o primeiro, e ambos os domínios sempre pertencem a diferentes domínios de ordem superior. O domínio cognitivo é entendido como a totalidade de todo conhecimento sobre algo. Por exemplo, a metáfora “o amor é uma viagem” (NOVIKOV; PESINA, 2015) é interpretada como um domínio de viagens, que pertence a um domínio de ordem superior (domínio superordenado) – o domínio do movimento sobreposto ao domínio do amor, que pertence ao domínio das emoções (KULL, 2022). No caso de uma metáfora, a fonte não é sobreposta em toda a área alvo, mas apenas naquela parte dela, ou subdomínio, que é comum à fonte e ao alvo. A metáfora também se caracteriza pela ausência de restrições à complexidade, o que está associado ao caráter heurístico da atividade de linguagem.

Passemos dos domínios de campos semânticos inteiros às estruturas de palavras polissêmicas, que discutimos acima e que usamos diariamente. Assim, para o substantivo inglês

“a hood” como o significado nominativo não derivado inicial, os dicionários fornecem definições que, usando a análise empírica de componentes invariantes, podem ser reduzidas à seguinte formulação: *uma parte de um casaco que cobre a cabeça para que possa cair nas costas quando não estiver em uso, presumivelmente funcionando no nível da consciência comum.*

Como exemplo de estreitamento do primeiro significado, consideremos o seguinte significado: “um pano ornamental pendurado nos ombros de uma túnica acadêmica”. Este significado contém todos os componentes do significado principal.

O surgimento do significado metonímico “jovem criminoso agressivo” pode presumivelmente ser interpretado da seguinte forma: jaquetas com capuz, como atributo das roupas dos jovens, permitem que eles (inclusive os infratores) escondam sua aparência. Como resultado, o capuz adquire um significado simbólico. Esse significado metonímico é emergido no modelo “parte-todo”.

Existem alguns significados metafóricos baseados na comparação da aparência e função do capuz de uma jaqueta ou casaco: “uma cobertura para a cabeça de um cavalo / prisioneiro / falcão”. Esses significados são baseados nos componentes semânticos *uma capa para uma cabeça, que esconde.*

Os seguintes significados metafóricos não estão mais associados a objetos animados: “uma tampa de metal para um fogão”, quando uma tampa dobrável sobre uma chaminé de fogão é comparada a um exaustor. A metáfora é baseada nos componentes que *uma capa pode ser pendurada quando não estiver em uso.* Os mesmos componentes estão subjacentes ao significado “uma capota de carruagem”, bem como os significados metafóricos: “a capota conversível do carro”, “a escotilha do barco / embarcação / tampa do motor”.

No processo de cunhar tais metáforas, alguém comparou várias capas e bonés com um capuz em total conformidade com os estereótipos antropocêntricos e uma imagem ingênua do mundo. Nos significados metafóricos, observa-se a abstração do conteúdo. À medida que as metáforas “se afastam” do significado principal, suas imagens se tornam mais esquemáticas. Assim, a imagem de uma tampa de fogão ou de uma tampa metálica de motor é menos consistente com o capuz de um casaco do que com um saco na cabeça de um prisioneiro, um cavalo ou um falcão, dado o seu tamanho e o material de que são feitos.

A esse respeito, atentemos para o seguinte significado: “algo que se assemelha a um capuz em forma ou uso; cuja parte cobre ou abriga um equipamento”. Essa metáfora envolve uma ampla gama de referentes e baseia-se na comparação de uma tampa articulada cobrindo

qualquer parte do mecanismo a um capuz cobrindo a cabeça de uma pessoa. Embora os dicionários mostrem a presença de apenas um componente para cobrir um objeto, todas essas tampas metálicas devem se apoiar nas dobradiças ou, por assim dizer, sobre elas, então também selecionamos o componente que pode ficar pendurado quando não estiver em uso.

Os resultados da análise demonstram que, no processo de metaforização, são utilizados apenas os traços mais gerais de semelhança com o significado principal. No entanto, estamos prontos para formular o invariante lexical de uma palavra polissêmica “*a hood*”: ***uma cobertura protetora móvel para a parte superior de um objeto que pode ficar pendurada quando não estiver em uso***. Os componentes *cobertura* e *móvel* são classificados como integrais ou comuns para todos os significados metafóricos e *poder ficar pendurados quando não estão em uso* é um componente diferencial, pois é relevante apenas para algumas metáforas.

Esse invariante lexical pode ser interpretado como um complexo associativo-semântico invariante, atribuído à palavra na mente dos comunicantes e formado com base não apenas na estrutura semântica da palavra, seu arranjo gramatical, estrutura de formação de palavras, conexões motivacionais, mas também as tradições de uso existentes na sociedade. Este é o resultado da compreensão de todos os significados reais de uma palavra polissêmica, que é um conjunto mínimo dos componentes semânticos mais significativos, do ponto de vista do Participante da Comunicação, minimamente suficientes para uma interpretação adequada da realização contextual de o significado. Sendo um significado sistêmico de uma palavra polissêmica, ela garante o funcionamento da palavra na fala, pois é a base derivacional para a formação de todas as implementações contextuais dessa palavra, que, por sua vez, complementam constantemente a invariante (ANDREWS, 2019; KULL, 2022).

A análise mostra que o invariante lexical formulado é uma unidade do sistema semântico da língua, e o repensar metafórico é atualizado no nível da fala. O resultado de sua “aplicação” às condições das situações de fala provoca o surgimento de significados metafóricos. A análise realizada é uma tentativa de confirmar a tese sobre a natureza não espelhada da relação entre unidades de linguagem e fala.

Conclusão

Assim, o mundo cognitivo interno de um comunicante é determinado por seu plano estrutural cognitivo, formado no curso de sua atividade. A compreensão cognitiva do fenômeno da polissemia sugere que uma palavra polissêmica tem um único significado sistêmico: no nível de um sistema de linguagem, uma palavra é representada por seu núcleo de conteúdo. No nível da fala, a palavra polissêmica é representada por implementações contextuais, ou seja, seu significado.

O artigo comprova a possibilidade de funcionamento de uma invariante lexical como núcleo de sentido de uma palavra polissêmica, cuja existência é fundamentada do ponto de vista da biossemiótica. A abordagem invariante para o estudo dos problemas da relação entre os significados das palavras polissêmicas proposta no artigo permite explorar os processos de formação e compreensão dos significados das palavras na língua inglesa de uma maneira nova. As invariantes lexicais são formadas na memória com base em memórias de atualizações reais de variantes léxico-semânticas de palavras polissêmicas e se tornam a base para a criação de significados derivados.

Uma vez que a memória do Participante da comunicação sobre o uso de significados inclui o funcionamento do repensar metafórico e metonímico, ele possui os mecanismos de formação de significados correspondentes à área de nomeação secundária. Com base nisso, no nicho cognitivo de um indivíduo, não são armazenados significados individuais na forma de listas, mas invariantes lexicais como conhecimento generalizado sobre a semântica das palavras e sobre as formas de formação dos significados de sua interpretação. Isso é consistente com a afirmação de que, no nível das nomeações secundárias, funcionam as regras de variação significativa do significado direto. A partir dos mecanismos de implementação de invariantes lexicais nas estruturas de palavras polissêmicas, novos significados podem ser criados. A memória de tais estados, correspondentes às formas dos invariantes, torna-se, ao longo do tempo, um importante elemento da estrutura do organismo.

Assim, a invariante lexical é consequência de processos biossemânticos naturais que refletem a experiência do uso prévio dos significados contextuais de palavras polissêmicas e fornecem uma possibilidade a mais de seu uso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (Eds.). **The Routledge handbook of translation and cognition**. Abingdon and New York: Routledge. 2021.
- ANDREWS, E. Semiotic principles in cognitive neuroscience. **Cognitive and Intermedial Semiotics**, p. 1-10, 2019.
- CARRERA-CASADO, D.; FERRER-I-CANCHO, R. The advent and fall of a vocabulary learning bias from communicative efficiency. **Biosemiotics**, v. 14, n. 2, p. 345-375, 2021.
- ENDARA, L. *et al.* Building the “Plant glossary” - a controlled botanical vocabulary using terms extracted from the floras of North America and China. **Taxon**, v. 66, n. 4, p. 953-966, 2017.
- KULL, K. The biosemiotic fundamentals of aesthetics: beauty is the perfect semiotic fitting. **Biosemiotics**, v. 15, n. 1, p. 1-22, 2022.
- MATTHIESSEN, C. M. *et al.* Cognition in systemic functional linguistics. *In: Systemic Functional Insights on Language and Linguistics*. Singapore: Springer Singapore, 2022. p. 147-195.
- MENANT, C. Constraint satisfaction, agency and meaning generation as an evolutionary framework for a constructive biosemiotics. *In: Agency and Meaning Generation as an Evolutionary Framework for a Constructive Biosemiotics*, 17 Feb. 2019.
- NOVIKOV, D. N.; PESINA, S. A. Biosemiotics and Prototype Semantics in Understanding Lexical Polysemy: Implications for Applied Linguistics. The magic of innovation. **New techniques and technologies in teaching foreign languages**, v. 275, 2015.
- PELKEY, J. Chiastic antisymmetry in language evolution. **The American Journal of Semiotics**, v. 29, n.1/4, p. 39-68, 2016.
- PESINA, S.; LATUSHKINA, O. Polysemy and Cognition. **Procedia-Social and behavioral sciences**, v. 192, p. 486-490, 2015.
- PESINA, S. A.; YUSUPOVA, L. G.; PULEKHA, I. R. Anthropomorphism in language studied through the prism of embodiment. **Вестник Челябинского государственного университета**, v. 10, n. 432, p. 223-227, 2019.
- SONESSON, G. Cognitive Science and Semiotics. **Bloomsbury Semiotics**, v. 4, p. 293-312, 2022.
- TAKAHASHI, H. Cognitive Linguistics: SAGE Benchmarks in Language and Linguistics Ed. by Masa-aki Yamanashi, SAGE Publications, London, 2016, 1520pp. **English Linguistics**, v. 36, n. 1, p. 115-128, 2019.
- ZHAI, Z. *et al.* **Improving chemical named entity recognition in patents with contextualized word embeddings**. 2019. arXiv preprint arXiv:1907.02679.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

